



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

EDIENE CORREIA NUNES FERREIRA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DIDÁTICA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO:
CONTRIBUIÇÕES NA PERSPECTIVA DA PRÁTICA DOCENTE**

CAMPINA GRANDE - PB

2018

EDIENE CORREIA NUNES FERREIRA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DIDÁTICA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO:
CONTRIBUIÇÕES NA PERSPECTIVA DA PRÁTICA DOCENTE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento de exigência para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Prof^{ta} Dr^a Márcia Adelino da Silva Dias

CAMPINA GRANDE-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383r Ferreira, Ediene Correia Nunes.
Relato de experiência didática em Estágio Supervisionado [manuscrito] : contribuições na perspectiva da prática docente / Ediene Correia Nunes Ferreira. - 2018.
34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Márcia Adelino da Silva Dias ,
Coordenação de Curso de Biologia - CCBS."

1. Prática docente. 2. Formação docente. 3. Didática. 4.
Estágio supervisionado.

21. ed. CDD 371.12

EDIENE CORREIA NUNES FERREIRA

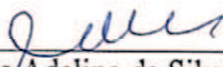
**RELATO DE EXPERIÊNCIA DIDÁTICA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO:
CONTRIBUIÇÕES NA PERSPECTIVA DA PRÁTICA DOCENTE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento de exigência para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

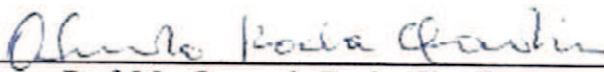
Área de concentração: Educação
Orientadora: Prof^a Dr^a Márcia Adelino da Silva Dias

Aprovada em: 06/03/2018.


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr^a Márcia Adelino da Silva Dias (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Osmundo Rocha Claudino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Mestranda Laís da Silva Barros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Ser grato é um gesto de transmitir amor, uma forma de consideração e respeito que vai muito além do que uma simples palavra.

Agradeço ao meu bom Deus por toda força e coragem que me concedeu durante essa caminhada que não foi fácil, só Ele sabe por quais dificuldades passei para chegar até aqui.

A minha querida família, meus pais Erasmo e Lourdinha, meus irmãos Erivan e Edilma, que nunca mediram esforços para me ajudar e estar sempre comigo em todos os momentos.

Ao meu amor, Fabrício, meu eterno amigo e companheiro, por me ajudar a entender que tudo tem seu tempo, no momento certo Deus faz acontecer, só é preciso confiar nEle.

Aos meus amados amigos Joan Carlos e Erivágna, por serem tão maravilhosos e compreensivos. Nossa amizade é pra vida inteira! Saibam que vocês representam papel fundamental na minha vida e sou imensamente feliz em tê-los comigo.

Aos mestres, que desempenharam papel fundamental na minha formação, em especial a minha orientadora Márcia, por toda paciência e dedicação.

A cada funcionário da instituição e a todos os colegas de turma, vocês são especiais.

Aos que não estão mais entre nós, mas tive a oportunidade de conviver, ainda que por pouco tempo, no início da graduação. Eusélia (Zelinha) você faz muita falta! Obrigada por tudo. Tamires, você se foi tão cedo... Sei que Deus cuida de vocês.

A UEPB, por me proporcionar uma nova visão de mundo e de mim mesma.

RESUMO

O presente trabalho relata a experiência proporcionada pela disciplina de estágio supervisionado como contribuição na prática docente. Um dos principais desafios enfrentados por estudantes dos cursos de licenciatura é lidar com a interação entre teoria e prática, exigidos pelo estágio supervisionado. O estágio se dispõe como um elemento de tempo/espço que permite ao futuro licenciado se aproximar da realidade educacional. Este trabalho tem como objetivo relatar minha experiência no estágio supervisionado em Ciências Biológicas II na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo, bem como ressaltar a importância sobre o papel do estágio na formação docente, através do reconhecimento da infraestrutura escolar e da realidade da sala de aula de estudantes do 9º ano da educação básica e 1º ano (EJA), a interação de cada estudante durante o estágio e como superar as dificuldades que surgem durante o período letivo, contribuindo para o crescimento pessoal e profissional de cada estagiário, discutindo a sua importância para a formação inicial dos professores de Ciências/Biologia, partindo de observações das atividades de estágio. O estágio ocorreu em duplas, responsáveis em administrar os conteúdos do livro didático, planos de aula, roteiros e atividades para nota bimestral da turma. Pode-se afirmar que é apenas através do contato com a realidade escolar que o estudante/estagiário consegue identificar quais ações são necessárias para conseguir realizar um ensino de maneira eficaz. A importância do estágio refere-se à possibilidade de proporcionar ao licenciando oportunidades para integrar teoria e prática com a realidade do cotidiano escolar

Palavras-Chave: Estágio supervisionado; Prática docente; Formação de professor.

ABSTRACT

The present work reports the experience provided by supervised internship as a contribution in the teaching practice. One of the key challenges faced by undergraduate students is dealing with an interaction between theory and practice, one of the fundamental functions of the internship. This issue needs special attention during the entire academic life, so that no difficulty reflects the future teaching professional activity. In this aspect, the stage is arranged as an element of time / space that allows the future graduate to approach the educational reality. This work aims to recognize the school infrastructure and the reality of the classroom of students in grades 6th grade to the 9th grade of basic education, as well as the interaction of each student during the internship and how to overcome the difficulties that arise during the school period, contributing to the personal and professional growth of each trainee, discussing its importance for the initial formation of Science/Biology teachers starting from observations of the internship activities. During all the time of undergraduate course the curriculum is based on theory and ends up providing a small percentage of the workload for disciplines that contemplate the development of techniques to promote an improvement in the teaching-learning process. However, it can be said that it is only through contact with the school reality that the student/trainee can identify what actions are necessary to be able to carry out a teaching effectively. The importance of internship refers to the possibility of giving the grader opportunities to integrate theory and practice with the reality of everyday school. The importance of internship refers to the possibility of giving to the undergraduate student opportunities to integrate theory and practice with the reality of everyday school.

Keywords: Internship. Teaching practice. Teacher training.

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
CNE	Conselho Nacional de Educação
EAD	Educação à Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
IES	Instituição de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PIB	Produto Interno Bruto

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	REVISÃO DE LITERATURA	11
3	PERCURSO METODOLÓGICO	18
3.1	Planejamento	18
3.2	Perspectiva de Ensino	20
3.3	Situando o Campo de Estágio	20
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
	APÊNDICES	27

.....

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, inúmeros são os desafios na educação, sobretudo na formação do corpo docente. Um professor representa papel fundamental na vida do estudante, pois é através da figura do educador que este consegue ter uma visão crítica do mundo em que vive e também se desenvolver tornando-se um indivíduo formador de opinião. Mas para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem, faz-se necessária uma prévia preparação deste docente, cabendo então aos cursos de licenciatura a árdua tarefa – levando-se em consideração a atual realidade das salas de aula – de formar futuros profissionais aptos a trabalhar nas mais diversas condições de trabalho. Estes cursos devem prepará-los para manterem uma relação de diálogo com os estudantes, sendo mediadores de aprendizagem.

Segundo o decreto N° 87.497, de 18 de agosto de 1982, que regulamenta a Lei n° 6.494, de 07 de dezembro de 1977, dispõe sobre o estágio de estudantes de ensino superior, médio regular – antigo 2° grau – e supletivo. Esse estágio abre novas oportunidades ao futuro docente e deve possibilita-lo ter uma visão de mundo e de sociedade em que vive, levando-o mais próximo da realidade. A partir da prática do estágio, ele passará a desenvolver novas habilidades, já que passa a enxergar a realidade cotidiana e a complexidade da sua futura área profissional. Conhecendo os aspectos que estão atrelados à educação – socioculturais, políticos, filosóficos, as comunidades onde as escolas estão situadas – ele passa a ser capaz de fazer interações entre o ensino e a realidade, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais fácil e de melhor fixação por parte dos estudantes.

De acordo com o Censo da Educação Superior realizado em 2013 um panorama de cursos de licenciatura na área de educação está espalhado por todo país: cerca de 7.900. Ele revela ainda que mais de 200 mil alunos foram licenciados, sendo 56% deles em curso presencial e 44% através do ensino EAD¹. O censo é realizado anualmente pelo Inep² e é o instrumento mais completo do Brasil sobre as instituições de educação superior (IES). Tem como objetivo ofertar a comunidade acadêmica e à sociedade em geral, informações primordiais sobre a situação e as grandes novidades sobre o setor. Segundo o portal do Inep, o

¹ A EAD – Educação a Distância – surgiu no Brasil oficialmente no ano de 1996 através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

² Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Sua missão é subsidiar a formulação de políticas educacionais dos diferentes níveis de governo com intuito de contribuir para o desenvolvimento econômico e social do país.

Censo da Educação Superior reúne informações sobre as instituições de ensino superior, seus cursos de graduação.

Um dos principais desafios enfrentados por estudantes dos cursos de licenciatura é lidar com a interação entre a teoria e a prática, exigidos pelo estágio supervisionado. Essa questão necessita atenção especial durante toda a vida acadêmica, para que nenhuma dificuldade reflita na sua futura atividade profissional docente. Para ajudar nessa questão, o estágio se apresenta como um elemento de tempo/espaço que permite aos futuros licenciados se aproximar da realidade educacional (Rocha, Carmo e Santos, 2014).

A formação docente é constituída por uma base de fatores. Tais fatores contribuem para que a prática docente seja uma articulação entre a prática e a teoria, entre o saber e o transmitir, de uma forma que não existe uma formação docente em um curso de licenciatura sem que haja a prática do estágio curricular, pois a prática se torna essencial e de extrema importância na formação do licenciado. Nessa perspectiva, o estágio deve ser identificado como um elemento facilitador da articulação entre teoria e prática, e como uma aproximação da realidade profissional – e não como a prática em si, uma vez que os alunos permanecem ali por um período de tempo limitado, sem conquistarem um espaço considerável de autonomia (Santos, 2004).

A experiência conquistada através do estágio curricular é tida como ímpar (claro que se bem orientado e fundamentado), uma forma de aprimorar e renovar todo conhecimento adquirido no decorrer do curso. Dessa forma, o estágio é um importante caminho que pode levar ao futuro licenciado a enxergar novas e diferentes estratégias para solucionar problemas, muitas desconhecidas por ele em sua área profissional.

O presente trabalho tem como objetivo relatar minha experiência no estágio supervisionado em Ciências Biológicas II na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo, bem como ressaltar a importância sobre o papel do estágio na formação docente, através do reconhecimento da infraestrutura escolar e da realidade da sala de aula de estudantes do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio (EJA), a interação de cada estudante durante o estágio e como superar as dificuldades que surgem durante o período letivo, contribuindo para o crescimento pessoal e profissional de cada estagiário, discutindo a sua importância para a formação inicial dos professores de Ciências/Biologia, partindo de observações das atividades de estágio.

Desta forma, este trabalho encontra-se dividido em 4 capítulos, dos quais estão organizados em:

1. **Revisão de Literatura** – Neste ponto será abordado historicamente o processo de formação de professores no Brasil desde seu início, a estrutura organizacional dos cursos de licenciatura, a organização do currículo escolar e o desenvolvimento da educação com o passar do tempo; paralelamente abordará a importância do estágio supervisionado e seus objetivos.
2. **Percurso metodológico** – Aqui tratamos especificamente da parte prática do estágio, que compreende o planejamento de aulas, definição de local de estágio, programação e distribuição de conteúdos, formação das duplas de estagiários responsáveis pela ministração das aulas, datas, horários e detalhes adicionais necessários ao desenvolvimento do estágio supervisionado, discutindo o proceder metodológico que nutre toda a construção textual.
3. **Resultados e discussão** – Dialogamos sobre a realidade vivenciada no estágio, as dificuldades encontradas e sobre os resultados emergentes deste trabalho com referenciais teóricos.
4. **Considerações finais** – Discutimos aqui as considerações finais deste trabalho, a partir das discussões que compõe todo o corpo textual.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Historicamente, o processo de formação de professores no Brasil é um tema discutido há bastante tempo, tendo seu início datado do século XIX, quando se formava docentes para ensino da educação fundamental. A partir de meados do século seguinte houve uma preocupação com a formação de docentes para o ensino secundário³. Até então, esse ensino era realizado por profissionais liberais, de maneira que não havia na época o requerimento de qualificação para a atuação como docente neste nível, bem como não havia grande demanda neste sentido, já que havia um pequeno número de escolas e de estudantes.

Foi a partir do ano de 1996, quando é publicada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ou a LDB que torna-se necessária a formação de docentes através do nível superior de educação, onde as diretrizes curriculares de cada curso de formação são aprovadas pelo CNE (Conselho Nacional de Educação). Alguns anos depois, através de uma resolução⁴, o conselho rotula esses cursos como licenciatura e os enquadra na modalidade de educação infantil, ensino fundamental – hoje denominada educação básica – e ensino médio, no modelo de escola normal. Vale ressaltar que apesar do surgimento da LDB naquele ano, não foi possível desenvolver uma formação integrada, que pudesse fugir do ensino de forma fragmentada, uma vez que os dados de pesquisadores eram insuficientes para promover essa integração de disciplinas (Souza, 2011).

De acordo com Souza (2011), a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional aprovada em 1996, afirma que cabe ao Conselho Nacional de Educação definir Diretrizes Curriculares Nacionais para todos os cursos de graduação no País. O artigo primeiro da resolução nº 4, de 13 de julho de 2010, define como Diretrizes Curriculares Nacionais:

Um conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos da Educação Básica, [...], que orientarão as escolas brasileiras dos sistemas de ensino, na organização, na articulação, no desenvolvimento e na avaliação de suas propostas pedagógicas. (BRASIL, 2010, p. 1)

São definidas sete Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino fundamental (Bonamino, Martinez, 2002) como referência para a organização do currículo escolar. A primeira diretriz afirma que as escolas deverão firmar suas ações pedagógicas baseadas nos

³ Compreendido entre os anos fundamentais finais e todo o ensino médio.

⁴ Resolução de Nº 1, de 15/05/2006.

princípios: éticos (respeito ao bem comum, por exemplo), políticos (direitos e deveres da cidadania, por exemplo) e estéticos (sensibilidade, criatividade, diversidade de manifestações artísticas e culturais);

A segunda refere-se ao reconhecimento da identidade pessoal de estudantes, professores e membros da escola; a terceira diretriz reflete o processo educacional como uma relação inseparável entre linguagem, conhecimento e afetos, como integrantes dos atos de aprender e ensinar (a prioridade é o diálogo e a utilização de metodologias variadas); a quarta refere-se ao estabelecimento do paradigma curricular brasileiro formado por uma Base Nacional Comum e uma Parte Diversificada (Bonamino, Martinez, 2002).

A quinta orienta as escolas a estruturarem suas propostas pedagógicas de forma a associar os conhecimentos e valores da Base Nacional Comum e da Parte Diversificada ao ambiente social onde a escola está incluída; a sexta diretriz evidencia a liberdade da escola para organizar o seu currículo e orienta-as a utilizarem a Parte Diversificada do currículo na expansão de projetos e atividades (de interesse próprio, isso varia de escola para escola); e por fim, a sétima afirma que as propostas pedagógicas das escolas e as próprias instituições escolares devem, de forma respeitosa, cuidar para que haja a existência de um clima escolar de contribuição e que possibilite as condições básicas necessárias para planificar as atividades e o bom uso do tempo e dos espaços existentes na escola (Bonamino, Martinez, 2002).

A educação é um direito humano e um bem público, sendo essencial na compreensão e conscientização na busca pelos direitos de cada cidadão. Buscando uma sociedade justa, precisamos em Oliveira (2010), onde completa afirmando que “a escola justa – que faz justiça social – é aquela que, sem degenerar, inclui, não exclui e qualifica as novas gerações”.

O processo de educação envolve pessoas em níveis desiguais de conhecimento comprometendo-se a partilhá-lo. A relação professor/estudante nos mostra a ação mais direta neste sentido. Tardifi e Lessard (2005) chamam a atenção para a questão do magistério, o qual não deve ser tomado como uma profissão secundária. Afirmando que os professores da educação básica formam um setor fundamental no mundo contemporâneo e a base para entender suas mudanças.

Os professores são os incentivadores da educação escolar e a escola é hoje, a instituição social base na instrução e formação na vida civil, caminho para outras formações e para o crescimento continuado da democracia e a busca pelos direitos humanos.

Segundo Gatti (2013), a importância social da formação inicial de docentes é clara e objetiva. Ela é influenciada por vários fatores e, devido a isso, pode ser que algumas variáveis que se relacionam nessa formação nem sempre são necessariamente entendidas. Para se alcançar um avanço na qualidade da educação é preciso buscar não só o crescimento e a melhoria de competências, porém uma mudança considerável na formação de professores. Os estudantes precisam de estímulos e incentivos em sala de aula e o professor é o espelho de cada um deles. O aprimoramento da prática educativa, sendo ela exercida com a prática da reflexão, é o primeiro passo de todo professor para que cada estudante alcance o maior grau de competências de acordo com suas possibilidades reais.

Nos dias atuais, como deve estar a formação de professores dos cursos de licenciatura, em nosso país? Segundo Gatti et al (2013) essas formações seguem apresentando currículos de forma fragmentada, conteúdos excessivamente genéricos e com grande dissociação entre teoria e prática, estágios fictícios e avaliação precária, interna e externa.

Com base nas considerações de Gatti (2013) pode-se inferir que há uma problemática de vários aspectos no entorno dessa formação, a exemplo da divergência entre o projeto pedagógico do curso e de sua ementa, ou ainda o currículo proposto para a formação dos professores ser fragmentado culminando em um ensino desarticulado e desconexo.

A problemática na formação de docentes em nosso país nos dias atuais não está apenas no professor em si: há vários fatores que podem explicar a grande dificuldade que a nossa educação – de maneira geral – vêm atravessando. Inicialmente, devemos creditar boa parte deste “caos” à nossa política educacional que está intrinsecamente ligada ao fato do defasado financiamento da educação, hoje financiada pelo FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), segundo o portal do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação). Este fundo é responsável pela arrecadação de recursos provenientes de impostos⁵ – cerca de 20% da receita – e distribuição igualitária aos municípios, conforme números de matrículas efetuadas nos ensinos básico e médio.

Hoje o investimento em nossa educação alcança aproximadamente 5% de nosso PIB. Outro aspecto que podemos abordar e está atrelado ao investimento do governo na educação é

⁵ ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), FPM (Fundo de Participação dos Municípios), FPE (Fundo de Participação dos Estados), IPI (Imposto sobre Produto Industrializado), IPVA (Imposto Sobre Veículos Automotores), ITCMD (Imposto sobre Transmissão, Causa Mortis e Doação).

condição profissional do docente que, por vezes não possui condições minimamente trabalháveis nas escolas – como, por exemplo, de infraestrutura e/ou de material didático – ou também a falta de planos de carreira e salários, tornando o docente desmotivado a buscar melhorar a forma de ensino.

Devemos também levar em consideração a complexidade curricular exigida pelas resoluções do CNE em detrimento da carga horária proposta para cada curso, que cria vários impasses no desenvolvimento curricular e impacta diretamente na qualidade da formação dos docentes, acarretando em um ensino de forma fragmentada, impedindo que o aluno possa compreender o mundo em que vive de uma maneira geral e o impossibilitando também de tornar-se um ser humano com uma visão crítica ou filosófica.

Segundo Castro e Reis (2011), no decorrer do século XX, a estruturação dos cursos de licenciatura estava fundamentada na teoria da ciência, na qual a prática é colocada de um lado e a teoria de outro, constituindo o formato conhecido como 3 + 1, onde os três primeiros anos referem-se formação teórica e um ano de prática, no final, como disciplinas pedagógicas e também o Estágio Supervisionado. Este formato foi bastante discutido até o final do século XX e também criticado por alguns estudiosos da área – a exemplo de Pérez Gomes (1992) – que descreve a visão curricular numa classificação fundamentada em uma divisão entre dois elementos, da seguinte forma:

Os currículos são normativos, com a sequência de conhecimentos dos princípios científicos relevantes, seguidos da aplicação destes princípios e de um *practicum*, cujo objetivo é aplicar na prática cotidiana os princípios da ciência estudada. Dentro da racionalidade técnica o desenvolvimento de competências profissionais deve colocar-se, portanto após o conhecimento científico básico e aplicado, pois não é possível aprender competências e capacidades de aplicação antes do conhecimento aplicável (PÉREZ GOMES, 1992, p.98).

Na mesma linha de raciocínio de Pérez Gomes (1992), outro estudioso da época, Piconez (1998) afirma que a concepção, temporal e funcional, considera o estágio supervisionado como uma disciplina de complementação, a qual deve ser realizada no final do curso, levando ao estudante a oportunidade de colocar em prática todo conhecimento adquirido durante a formação acadêmica. Esses debates refletiram na criação da nova LDB (9394/96), citada anteriormente, propondo novas diretrizes para o Estágio Supervisionado, o tornando um componente curricular estruturado e conduzido pelos princípios da teoria e da prática, caracterizado em cada curso, de acordo com seus conteúdos específicos.

Tendo em vista a problemática que hoje a educação de maneira geral vivencia, enxerga-se na prática de formação de docentes um caminho para a resolução ou atenuação da grande dificuldade existente nas escolas. É aí onde podemos destacar o fundamental papel do estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciatura. Ele é indispensável ao aluno que deseja se tornar um profissional apto a enfrentar os desafios inerentes à docência e é obrigatório nos cursos mencionados – conforme LDB 9394/96 – e normatizado pelo CNE.

O estágio supervisionado deve ocorrer de maneira constante durante todo o curso de formação acadêmica e proporcionar aos estudantes e futuros docentes um contato com os espaços educacionais que deverão ser o seu campo de trabalho ao fim do curso superior. Ele se apresenta como uma possibilidade de interligação entre teoria e prática, uma vez que o aluno consegue executar no próprio campo de trabalho os ensinamentos adquiridos na licenciatura. Outras finalidades previstas pelo estágio são o desenvolvimento de habilidades e hábitos no exercício da docência, bem como a criação de condições para que os estagiários atuem de forma segura, possibilitando a estes desenvolver uma visão crítica sobre as necessidades de seu espaço de trabalho (Fagundes, 2012).

Segundo Rocha, Carmo e Santos (2014), o estágio é uma contribuição na formação do estagiário, um aprimoramento na formação docente, como podemos observar:

No estágio supervisionado o futuro professor de Ciências e Biologia tem a oportunidade de ensinar para os estudantes os conhecimentos adquiridos durante a graduação advindos das diversas áreas de conhecimento, mas, sobretudo, de campos específicos da Biologia – zoologia, botânica, genética, dentre outros. Porém, ao ensinar os conteúdos biológicos ele percebe que a ação docente possui outras dimensões que ultrapassam o domínio dos conteúdos específicos, buscando, então, nos conhecimentos didático-pedagógicos mecanismos para tornar as suas aulas atraentes e participativas, mas acima de tudo, buscam mecanismos que permitam que os alunos compreendam os conteúdos ensinados (Rocha, Carmo e Santos, outubro de 2014, p.7405).

De acordo com Castro e Reis (2011), o Estágio Supervisionado apresenta os seguintes objetivos:

- I. Possibilitar ao estagiário as vivências referentes ao espaço educativo;
- II. Estimular uma reflexão crítica sobre o fazer pedagógico;
- III. Desenvolver planos de aula como uma preparação para a futura atuação profissional;

- IV. Incentivar e promover a reflexão e a vivência de procedimentos metodológicos no processo ensino-aprendizagem que propiciem uma prática dinâmica e inovadora;
- V. Realizar intercâmbio e parcerias com instituições escolares públicas e privadas para conhecimento de projetos educativos das mesmas.

Tais objetivos buscam proporcionar um primeiro contato com a realidade escolar para o estudante/estagiário, que vão desde conhecer a infraestrutura – salas de aula, recursos audiovisuais, laboratórios, bibliotecas – até o contato com os estudantes em sala de aula.

Segundo Souza (2011), a Lei 11.788, Brasil (2008), nos mostra que o estágio é uma forma educativa escolar supervisionada que busca a preparação produtiva de discentes em instituições de ensino superior. Ele faz parte do projeto pedagógico do curso, visando o aprendizado de competências próprias para a vida profissional, tendo como um de seus objetivos, o desenvolvimento do estudante para vida em sociedade e para o desenvolvimento de suas atividades profissionais. Podemos aqui citar o Art. 1º da Lei 11.788 descrevendo o estágio:

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008 p.1).

Essa lei define o estágio como um ato educativo que é supervisionado, visando à preparação do estudante como cidadão e trabalhador, como profissional, mediante aplicação efetiva do conhecimento alcançado na escola, e o desenvolvimento das próprias competências.

O estágio nas escolas é uma etapa de grande importância na composição experimental do conhecimento para o futuro docente. A formação da identidade docente ocorre a partir da vivência nos cursos da graduação, nas experiências acadêmicas vividas diariamente e no desenvolvimento do estágio na escola. No estágio o contato do estudante/estagiário com a realidade cotidiana da escola possibilita uma visão crítica da realidade escolar e a chance de colocar em prática as competências alcançadas nas disciplinas da graduação.

Como parte fundamental do estágio supervisionado, é importante frisar que se trata de uma oportunidade de conhecimento da realidade da profissão que o aluno de licenciatura optou por desempenhar. Assim, ele inicia sua compreensão sobre o que ele tem disponível em recursos didáticos, de infraestrutura e da realidade sociocultural das escolas e da população e da realidade da educação em geral e pode então começar a fazer interações entre o que é aprendido na licenciatura e o cotidiano de seu trabalho, o que requer ao futuro docente a capacidade de ajustar-se, segundo a disponibilidade de recursos das escolas.

Através do estágio, constata como é o ambiente escolar, como se dispõe uma sala de aula, como é realizada a comunicação entre educador e o estudante, quais são as possíveis situações encontradas em sala de aula, quais os recursos didáticos que podem ser explorados para promover uma melhor forma ao ensino, qual a política de funcionamento da escola, entre vários outros aspectos. Assim, o estágio supervisionado se classifica como uma rica oportunidade aos acadêmicos e futuros docentes, uma vez que essa prática impede que o licenciando tenha um grande impacto em seu início de vida profissional, devido à grande problemática educacional vivenciada nos dias atuais.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Planejamento

Iniciamos a disciplina de Estágio em Ciências Biológicas II, no dia 18 de agosto de 2014. No primeiro encontro, foi realizada a divisão da turma, com parte dos estudantes sendo orientados pela Professora Dr.^a Márcia Adelino da Silva Dias e a outra parte pela professora Sandra, através das escolhas de cada estudante. As primeiras aulas ocorreram na UEPB, aulas referentes à discussão, debate e reflexão sobre os temas abordados. Realizamos debates em sala de aula com base no texto **Análise das Técnicas**, com leitura compartilhada de acordo com a técnica lida, incluindo exemplos e vivências atuais, o que mudou e o que ainda permanece em cada técnica. Nessa aula, vimos as seguintes técnicas: PHILLIPIS 66: Agora considerada um fórum de debate. A objetividade é bastante estimulada nessa técnica pela sua forma de organização que tem o nº 6 por base: seis participantes, seis minutos para discussão e seis para socialização. A DÍADE se refere à formação de duplas para realização do procedimento, em grupos simples, com tarefa única; grupos simples com tarefas diversas; grupos simples, com funções diversificadas. O planejamento para o semestre 2014.2 está disposto no quadro 01.

Quadro 01 – Planejamento das atividades para o semestre 2014.2 na disciplina de estágio supervisionado em 2014*.

DATA	PLANEJAMENTO EM CADA AULA
18/08/2014	INÍCIO DO SEMESTRE 2014.2 (DIVISÃO DA TURMA)
25/08/2014	DEBATE SOBRE ANÁLISES TÉCNICAS
01/09/2014	DEBATE SOBRE ANÁLISES TÉCNICAS
08/09/2014	DEBATE SOBRE ANÁLISES TÉCNICAS
15/09/2014	VISITA AO CAMPO DE ESTÁGIO
22/09/2014	PLANEJAMENTO E ORIENTAÇÕES SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO

*Fonte: A autora (2014)

Com o planejamento definido, começamos a treinar como seriam as aulas, como deveríamos prepará-las desde o plano de aula até a atividade a ser realizada em determinada turma. A professora Márcia Adelino da Silva Dias nos apresentou diversos temas, para escolher e preparar uma aula para nossos colegas: fazer o plano de aula, roteiro de estudo e atividade de fixação do conteúdo, tudo isso sendo realizado em dupla (a dupla escolhida para exercer o estágio na escola). Com a teoria colocada em prática, compreendemos como desenvolver uma boa aula de forma mais confiante e segura. Abaixo, no quadro 02, seguem as datas, estagiários, conteúdos e turmas que foram ministradas as aulas.

Quadro 02 – Definição de datas, estagiários, conteúdos e turmas para início da disciplina de estágio supervisionado 2014.2*.

DATA	TURMA	ESTAGIÁRIO (A)	CONTEÚDO PROGRAMADO
29/set	1º Ano	Rosilene Barros	Membrana Plasmática
	9º Ano	Ediene Correia Nunes Ferreira	Movimento, Repouso e Referencial ⁶
13/out	1º Ano	Rosângela Farias	FALTOU
	9º Ano	Maria de Fátima Caetano da Silva	Movimento: MU e MUV ⁷
20/out	1º Ano	Rosângela Farias	Transporte de Membrana
	9º Ano	Cássia de Souza Simões	Força
03/nov	1º Ano	João Victor Ferreira Mota	Citoplasma
	9º Ano	José Jomarcio da Costa Silva	Leis de Newton
10/nov	1º Ano	José Fabrício Queiroz de Souza	Síntese Proteica e Respiração Celular
	9º Ano	Janiel Silva Farias	Energia
17/nov	1º Ano	Adeilma Matias de Medeiros	Núcleo
	9º Ano	Thales Eduardo Jatobá Araújo	Energia (continuação)
24/nov	1º Ano	Railla Maria Oliveira Lima	Divisão Celular

*Fonte: A autora (2014).

Em apêndices A, B, C, D, E, F e G encontra-se disponível todo material didático para o acontecimento das aulas ministradas por mim e por Maria de Fátima Caetano da Silva, com quem formei dupla (planos de aula, roteiros de estudo e atividades).

⁶ Movimento, Repouso e Referencial: APÊNDICES A, B e C.

⁷ Movimento Uniforme e Movimento Uniformemente Variado: APÊNDICES D, E, F e G.

3.2 Perspectivas de Ensino

Considerando as orientações teóricas e metodológicas que tivemos na universidade, planejamos nossas aulas em busca de ensinar aquilo que fosse fundamental para o estudante com base nos conteúdos previstos para aquele período em que ficamos responsáveis pelas turmas, como também as atividades aplicadas que representaram uma das notas para fechar o bimestre. Procuramos facilitar a relação professor/estudante através da participação ativa dos estudantes no momento das aulas, entre perguntas, questionamentos e curiosidades que abriram portas para um melhor desempenho de ambas as partes. Com essa perspectiva, conteúdos e datas programadas, iniciamos o estágio supervisionado.

3.3 Situando o campo de estágio

As aulas de estágio foram ministradas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo, situada na Avenida Dr. Elpidio de Almeida, 25, Catolé. A escola é constituída de 23 salas de aula, 97 funcionários, sala de diretoria, sala de professores; laboratório de informática; laboratório de ciências; sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE); biblioteca e sala de leitura, segundo dados do senso realizado em 2016. No decorrer das aulas na universidade, fomos debatendo cada ponto dos textos abordados, compreendendo as técnicas e discutindo conceitos. Ao término dos debates em sala, fomos realizar nossa primeira visita à escola onde iríamos estagiar no turno da noite.

Nessa visita, conhecemos o ambiente escolar (Infraestrutura da escola) e a professora de Ciências/Biologia, Iracilda, acolhendo-nos muito bem e direcionando orientação em alguns pontos; mostrando também as duas turmas do EJA⁸ (uma sendo 1º ano do ensino médio e outra 9º ano do ensino fundamental) onde iríamos ministrar as aulas durante o período de estágio na escola. Fui selecionada para ministrar a primeira aula no 9º ano do ensino fundamental, com duração de 30 a 40 minutos, iniciando com o conteúdo movimento.

Com a definição do ambiente de estágio e das turmas a serem ministradas as aulas, realizamos no dia seguinte a divisão dos conteúdos, onde a Prof.^a Dr.^a Márcia Adelino da Silva Dias utilizou os seguintes critérios: divisão em duplas e escolha livre do conteúdo

⁸ EJA – Educação para Jovens e Adultos: um programa do governo que visa oferecer o Ensino Fundamental e Médio para pessoas que já passaram da idade escolar e que não tiveram oportunidade de estudar.

(conteúdos de acordo com o livro didático). Cada dupla ficou responsável em discutir o conteúdo designado, preparar as aulas e ministrá-las de forma individual.

4 RESULTADOS

Em relação ao ensino, nossa perspectiva sempre foi positiva. No campo de estágio, encontramos diversas dificuldades, porém nenhuma nos impediu de cumprir com o nosso dever. O reduzido número de estudantes em sala de aula às vezes era preocupante, isso por que muitos deles não permaneciam na escola para as últimas aulas, muitas vezes devido ao horário, tendo em vista que as aulas no turno da noite já eram reduzidas. Encontramos estudantes de diversas faixas etárias, alguns com o grande interesse de aprender e outros nem tanto. Muitos estavam na escola apenas para passar o tempo, para encontrar os amigos e se divertir.

A nossa perspectiva de ensino foi sendo moldada a cada aula, a cada atividade, a cada momento vivido dentro e fora do campo de estágio. Percebemos a possibilidade de mudança a partir das aulas ministradas e da forma como eram conduzidas. Era necessário inovar a forma de ensino de uma maneira que prendesse a atenção do estudante, despertando a curiosidade e conseqüentemente o aprendizado. E a curiosidade já era percebida ao se depararem com um grupo de jovens que não eram novos estudantes na escola e sim professores em formação que iriam conduzir a disciplina durante determinado período de tempo.

Diante da realidade encontrada no campo de estágio, onde vivenciamos de forma concreta todo aprendizado teórico sendo colocado em prática, entendemos a necessidade de um professor estar em constante formação, buscando novos métodos de ensino, novas maneiras de abordagem em sala de aula e de promover a aprendizagem de forma simples e completa. A prática de ensino através do estágio é uma vivência que permite o encontro entre a teoria e a prática, uma junção que complementa o aprendizado de forma eficaz. Porém, sabemos que podemos nos deparar com escolas que apresentam diversas realidades: umas com vários laboratórios (inclusive o de ciências), salas de estudo, biblioteca, etc. e outras sem nenhum recurso para facilitar o aprendizado e dinamizar as aulas; por isso é necessário analisar a realidade em que nos encontramos e as condições oferecidas pelo campo de estágio. Assim, podemos nos preparar da melhor forma para desenvolver o conteúdo programado.

Todos os conteúdos selecionados foram aplicados nas turmas do EJA (1º ano do ensino médio e 9º ano do ensino fundamental). Sabemos que não existe uma fórmula exata para ensinar ou um manual de instruções que nos garanta 100% na prática do ensino. O

professor precisa buscar meios que despertem o estudante a sua capacidade de conhecimento, e ampliar aquilo que já sabem. E isso não é tarefa fácil.

Conhecemos a infraestrutura da escola e a partir da realidade que encontramos, buscamos meios viáveis para a obtenção do ensino e aprendizado de qualidade durante o período do estágio, através de aulas com o uso de recursos didáticos, tais como: Data Show, quadro branco e roteiro de aula.

Aprendemos através da prática, de planejar e fazer acontecer, procurando alcançar os objetivos do estágio, segundo Castro e Reis (2011), tendo como exemplo o estímulo do estudante a uma reflexão crítica sobre o fazer pedagógico. O contato direto com os estudantes foi essencial para fortalecer nossos objetivos como futuros professores. Sabemos que muitos estudantes dos cursos de licenciatura não haviam tido contato com a sala de aula, alguns já haviam trabalhado em escolas com turmas do fundamental II e ensino médio. De forma geral, todos vivenciaram este riquíssimo período de forma completa. Assumimos as turmas, as aulas, desenvolvemos os conteúdos, as atividades, as notas e finalizamos o bimestre, deixando tudo registrado para a professora de ciências/biologia da escola.

A mudança na forma de ensinar requer tempo e dedicação, e através da forma educativa escolar supervisionada como nos fala Souza (2011) cumprimos nosso papel. Não tivemos muito tempo de convívio com as turmas, porém, nesse pouco tempo foi possível aprender muito sobre como é a vida de um professor, quais dificuldades podemos encontrar pelo caminho e a melhor forma para superá-las.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o curso de licenciatura, aprendemos teorias e métodos que futuramente vão nos auxiliar na caminhada como professores. Porém, nada se compara a experiência vivida no ambiente escolar através de todo o planejamento e acompanhamento das turmas. A partir dessa experiência identificamos nossas maiores dificuldades. Porém, cada uma delas foi sendo superada no decorrer do estágio, nos tornando mais confiantes e seguros em sala de aula.

O estágio supervisionado é uma oportunidade de vivência no ambiente escolar de maneira prévia à atuação profissional docente. Através dele, podemos começar a identificar as fragilidades do sistema educacional, traçando estratégias e/ou métodos para tornar eficaz o processo de ensino aprendizagem. Como principal entrave destaca-se a falta de assiduidade dos estudantes, sobretudo nas últimas aulas.

Não tive dificuldades em sala de aula, na interação com os estudantes, tudo ocorreu tranquilamente, apesar do reduzido número destes em sala de aula. A experiência vivida através do estágio é particularmente única, uma incrível forma de pesquisar, planejar, ensinar e conseqüentemente, aprender. O estágio supervisionado nos cursos de licenciatura precisa continuar em escolas responsáveis que permitam aos estagiários vivenciarem previamente a experiência da sala de aula, possibilitando assim uma preparação para as adversidades futuras na vida profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONAMINO, ALICIA; MARTÍNEZ, SILVIA ALICIA. **Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental**: a participação das instâncias políticas do estado. Edu. Soc. Campinas, v.23, n.80, setembro/2002, p. 368-385, UNICAMP.
- CASTRO, Sinaida Maria Vasconcelos de; REIS JÚNIOR, Leandro Passarinho. **O estágio Supervisionado no curso de licenciatura em Ciências Biológicas do CESUPA: Contribuições para a formação do professor-reflexivo**. In: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Curitiba, novembro de 2011.
- CRUZ, Daniel. **Química e Física: Ciências e Educação Ambiental**. Ática, São Paulo, 1993. 25ª ed.
- FAGUNDES, Laidines Seibel; PAZ, Dirce Maria Teixeira. **A importância do Estágio Supervisionado em Ciências e Biologia para completar a formação do licenciado**. In: XVII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, UNICRUZ, novembro de 2012.
- GATTI, Bernadete Angelina. **Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses**. Educar em Revista, CURITIBA, Brasil, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013. Editora UFPR.
- GOWDAK, Demétrio; MARTINS, Eduardo. **Coleção novo pensar: Química e Física**, 8ª série. FTP, São Paulo, 2003.
- LEITE, Kelly Aderne. **Relato de experiência no estágio supervisionado em Ciências Biológicas: a difícil arte de ser professor**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – CCBS, 2012.
- LOUREDO, Paula. **Metabolismo Energético**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/biologia/metabolismo-celular.htm>>. Acesso em: outubro de 2014.
- MARTHO, Gilberto Rodrigues. **Biologia das Células**. Vol.1. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2004, 464p, Ilustrado.

MORETTI, Isabella. **Regras da ABNT para TCC**: conheça as principais normas. 2017. Disponível em: <<https://viacarreira.com/regras-da-abnt-para-tcc-conheca-principais-normas>>. Acesso em: 28/02/2018.

OLIVEIRA, Dalila Andrade et al. **Políticas educativas y territorios: modelos de articulación entre niveles de gobierno**. Buenos Aires: IIPE/UNESCO, 2010. p. 1-4.

PAULINO, Wilson Roberto. **Biologia Série Novo Ensino Médio**. Ática, 2009, 10ª ed.

PÉREZ GÓMEZ, Angel. **O pensamento prático do professor – A formação do professor como Profissional Reflexivo**. In: NÓVOA, A. (Org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional e autores, 1992a. p.93-114

PEREIRA, Helenadja Mota Rios; BAPTISTA, Geilsa Costa Santos. **Uma reflexão acerca do Estágio Supervisionado na formação dos professores de Ciências Biológicas**. In: VII Enpec – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Florianópolis, 08 de novembro de 2009.

ROCHA, Winne Katharine Souza; CARMO, Edinaldo Medeiros; SANTOS, Magno Clery da Palma. **A contribuição do Estágio Supervisionado para a formação profissional do professor de Ciência e Biologia**. SBEnBio – Associação Brasileira de Ensino de Biologia – Número 7 – Outubro de 2014.

ROSA, Jêani Kelle Landre; WEIGERT, Célia; SOUZA, Ana Cristina Gonçalves de Abreu. **Formação docente: reflexões sobre o estágio curricular**. Ciência e Educação (Bauru). Vol. 18, nº 3. Bauru 2012.

SANTOS, Helena Maria dos. **O estágio curricular na formação de professores: diversos olhares**. 2004.142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOUZA, Salimara Felipe de Moura e. **O Estágio Supervisionado e a formação do professor de Ciências Biológicas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2011.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – DESCRIÇÃO DA AULA SOBRE MOVIMENTO, REPOUSO E REFERENCIAL

Aula 02 – 9º ano do Ensino Fundamental - Física

Estagiária: Ediene

Conteúdo: Movimento, repouso e referencial.

A segunda aula do estágio foi ministrada no 9º ano do ensino fundamental, no dia 29 de setembro de 2014, no segundo horário, por mim, Ediene, tendo como tema: movimento, repouso e referencial. Primeiramente constatamos o pequeno número de alunos, apenas três em sala, mas segundo a professora Iracilda essa é a realidade da turma, poucos alunos. Utilizei pincel e quadro branco para ministrar a aula. Expliquei de forma clara e objetiva os conceitos de movimento, de repouso e referencial, mostrando exemplos do cotidiano, através de desenhos no quadro, trazendo para a realidade de cada um deles e mostrando a importância de se estudar tudo aquilo. Também apresentei noções de unidades de medida, isso porque os alunos apresentavam certa deficiência em conversão de medidas, como também em alguns cálculos. Procurei ao máximo ter clareza no que dizia para assim facilitar o aprendizado dos alunos. Finalizada essa parte, foi distribuído um estudo dirigido para fixação da aprendizagem, onde os alunos colocaram em prática o que foi explicado em sala e tiraram as dúvidas que surgiram no decorrer da atividade. Como o tempo da aula era curto, eles ficaram de entregar a atividade na próxima aula.

APÊNDICE B – PLANO DE AULA SOBRE MOVIMENTO, REPOUSO E REFERENCIAL

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo
(Polivalente)

Série: 9º ano

Turno: Noturno

Estagiárias: Ediene Correia Nunes Ferreira

Maria de Fátima Caetano da Silva Araújo

Conteúdo: Movimento, repouso e referencial.

Nº de aulas: 2

Objetivos da aula

- Definir movimento, repouso e referencial;
- Compreender movimento uniforme.

Descrição do conteúdo:

- Noções básicas de unidades de medida;
- O que é movimento?
- O que é repouso?
- O que é referencial?

Metodologia: Utilização de figuras para facilitar a compreensão, pincel, quadro e cola.

Avaliação: Exercício para fixação do conteúdo

Bibliografia: CRUZ, Daniel. Química e Física: Ciências e Educação Ambiental. Ática, São Paulo, 1993. 25ª ed.

GOWDAK, Demétrio; MARTINS, Eduardo. Coleção novo pensar: Química e Física, 8ª série. FTP, São Paulo, 2003.

APÊNDICE C – EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO SOBRE MOVIMENTO, REPOUSO E REFERENCIAL

Escola E. de Ens. Fund. e Médio Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente)

Série: 9º ano

Turno: Noturno

Aluno (a): _____

Exercício de Fixação

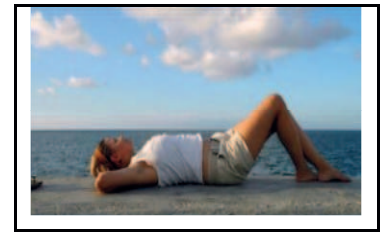
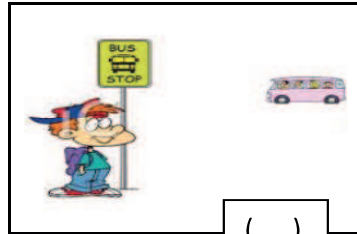
Conteúdo: Movimento, repouso e referencial

Questão 1: Relacione os seguintes itens com as imagens abaixo, ao que se refere cada um:

A- Movimento

B- Repouso

C- Referencial



Questão 2: Quais unidades podemos usar para:

-Tempo: _____

-Espaço: _____

-Velocidade: _____

Questão 3: Defina movimento.

Questão 4: Realize as seguintes transformações:

- a) 1 h em segundos
- b) 2 min em segundos
- c) 3,45 km em metros
- d) 180 min em segundos
- e) 5200 cm em metros

APÊNDICE D – DESCRIÇÃO DA AULA SOBRE MOVIMENTO UNIFORME (UM) E MOVIMENTO UNIFORMEMENTE VARIADO (MUV)

Aula 03 – 9º ano do Ensino Fundamental – Física

Estagiária: Maria de Fátima

Conteúdo: Movimento Uniforme (MU) e Movimento Uniformemente Variado (MUV)

No dia 13 de outubro de 2014, no segundo horário, a aula no 9º ano do ensino fundamental foi ministrada pela estagiária Maria de Fátima, onde a mesma tratou sobre o conteúdo Movimento Uniforme (MU) e Movimento Uniformemente Variado (MUV). Utilizou quadro branco e pincel, preparou um roteiro para a turma e também uma atividade que foi aplicada no fim da aula. Para iniciar, a estagiária fez a distribuição dos roteiros para os alunos acompanharem a aula e deu continuidade, falou sobre os conceitos, os tipos de movimento e deu exemplos práticos que facilitassem a compreensão dos mesmos. Explicou que em MU, trata da distância percorrida em um determinado espaço de tempo e em MUV o movimento é tido como movimento acelerado, sendo o estudo desse movimento a aceleração de um móvel. Ao término da explanação do conteúdo abordado, a estagiária distribuiu a atividade proposta para os alunos e os auxiliou enquanto faziam, tirando dúvidas que surgiam o decorrer da atividade

APÊNDICE E – ROTEIRO E ATIVIDADE DE FIXAÇÃO SOBRE MOVIMENTO UNIFORME (MU) E MOVIMENTO UNIFORMEMENTE VARIADO (MUV)

Escola E. E. F. e Médio Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente)

Série: 9º ano Ensino Fundamental II – EJA

Turno: Noturno Data: ___ / ___ / ___

ROTEIRO

Movimento Uniforme (MU)

O Movimento Uniforme é qualquer movimento realizado por um corpo que percorre distâncias iguais em tempos iguais. No MU, o corpo não necessita estar se movimentando em linha reta, em círculos ou em qualquer outra forma, basta que a sua velocidade escalar se mantenha a mesma por todo o tempo. Então, a velocidade escalar média é igual à velocidade escalar, pois o corpo mantém a mesma velocidade em todo o trajeto.

Uma observação importante é que, ao se deslocar com uma velocidade constante, a velocidade instantânea deste corpo será igual à velocidade média, pois não haverá variação na velocidade em nenhum momento do percurso: $V = V_{\text{média}} = \Delta s / \Delta t$.

Logo, a fórmula de velocidade média é:

$$V_m = \frac{\Delta S}{\Delta t} = \frac{S_f - S_i}{t_f - t_i}$$

Pelo Sistema Internacional (SI), a velocidade média é dada em m/s.

Exemplos: 1) Um asteroide move-se no espaço desempenhando um movimento uniforme. A cada 24 h percorre um espaço de 144 000 000 km. Determine sua velocidade.

2) Um móvel, dotado de movimento uniforme, desloca-se à velocidade de 3 m/s. Qual será o tempo gasto por ele após percorrer o espaço de 120 m?

3) Um jabuti move-se com velocidade constante de 2 m/s. Percorreu todo o quintal de um casa em 120 s. Qual foi o espaço percorrido pelo animal?

Movimento Uniformemente Variado (MUV)

Também conhecido como movimento acelerado, consiste em um movimento onde há variação de velocidade, ou seja, o móvel sofre aceleração à medida que o tempo passa.

Mas se essa variação de velocidade for sempre igual em intervalos de tempo iguais, então dizemos que este é um Movimento Uniformemente Variado, ou seja, que tem aceleração constante e diferente de zero.

No movimento uniforme variado, a velocidade varia com o tempo. Quando a velocidade aumenta com o tempo, o movimento é acelerado, por exemplo, tirar um carro do repouso, isto é, produzir um movimento acelerado no carro. Já quando a velocidade diminui com o tempo, o movimento é retardado, por exemplo, *Um carro com uma velocidade inicial freia até parar.*

O conceito de aceleração é: a taxa de variação de velocidade numa unidade de tempo, então como unidade teremos:

$$\frac{\text{velocidade}}{\text{tempo}} = \frac{\frac{m}{s}}{s} = \frac{m}{s^2}$$

Logo, a aceleração média é a variação de velocidade (ΔV) em um intervalo de tempo (Δt), e esta média será dada pela razão:

$$a_m = \frac{\Delta v}{\Delta t}$$

Exemplos: 1) A velocidade de um automóvel varia de 40 km/h para 76 km/h em 4 s. Qual é o valor de sua aceleração média?

2) Uma partícula parte do repouso e em 5 segundos percorre 100 m/s. Considerando o movimento uniformemente variado, podemos afirmar que a aceleração da partícula é de?

3) Qual é a aceleração de um automóvel que parte do repouso e atinge a velocidade de 80 m/s em 10s?

BIBLIOGRAFIA

CRUZ, Daniel. **Química e Física: Ciências e Educação Ambiental**. Ática, São Paulo, 1993. 25ª ed.

GOWDAK, Demétrio; MARTINS, Eduardo. **Coleção novo pensar: Química e Física, 8ª série**. FTP, São Paulo, 2003.

<http://www.sofisica.com.br/conteudos/Mecanica/Cinematica/mu.php> Acesso em: 12/10/14 as 14:20.

<http://www.infoescola.com/fisica/movimento-uniforme-mu/> Acesso em: 12/10/14 as 14:24.

<http://educar.sc.usp.br/fisica/muvteo.html> Acesso em: 12/10/14 as 14:26.

APÊNDICE F – PLANO DE AULA SOBRE MOVIMENTO UNIFORME E MOVIMENTO UNIFORME VARIADO

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente)

Série: 9º Ano Ensino Fundamental II

Turno: Noturno

Estagiárias: Ediene Correia Nunes Ferreira

Maria de Fátima Caetano da Silva Araújo

Data: 13/10/2014

Assunto: Movimento Uniforme e Movimento Uniforme Variado

Aula: 2 h/aula

Objetivos:

- Compreender Movimento Uniforme (MU) e Movimento Uniforme Variado (MUV);
- Diferenciar o Movimento Uniforme de Movimento Uniforme Variado.

Conteúdo:

- Movimento Uniforme;
- Movimento Uniforme Variado

Metodologia: Aula expositiva (Quadro, pincel e apagador).

Avaliação: Resolução de exercícios para fixação da aprendizagem.

Bibliografia

CRUZ, Daniel. Química e Física: Ciências e Educação Ambiental. Ática, São Paulo, 1993. 25ª ed.

GOWDAK, Demétrio; MARTINS, Eduardo. Coleção novo pensar: Química e Física, 8ª série. FTP, São Paulo, 2003.

<http://www.sofisica.com.br/conteudos/Mecanica/Cinematica/mu.php> Acesso em: 12/10/14 as 14:20.

<http://www.infoescola.com/fisica/movimento-uniforme-mu/> Acesso em: 12/10/14 as 14:24.

<http://educar.sc.usp.br/fisica/muvteo.html> Acesso em: 12/10/14 as 14:26.